



**Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Educação
Departamento de Educação
Curso de Pedagogia**

MONIQUE PEREIRA GOMES

**ADOLESCÊNCIA E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO
MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

**Campina Grande - PB
Dezembro de 2014**

MONIQUE PEREIRA GOMES

**ADOLESCÊNCIA E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO
MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Pedagogia do
Departamento de Educação da
Universidade Estadual da Paraíba-
UEPB, em cumprimento às exigências
legais para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:
PROF^a MS. LIVÂNIA BELTRÃO TAVARES

Campina Grande - PB
Dezembro de 2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G633a Gomes, Monique Pereira
Adolescência e as tecnologias digitais como motivação no processo de ensino-aprendizagem [manuscrito] / Monique Pereira Gomes. - 2014.
53 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Livânia Beltrão Tavares, Departamento de Educação".

1. Aprendizagem 2. Tecnologia Digital 3. Processo Ensino-Aprendizagem 4. Adolescência I. Título.

21. ed. CDD 370.152 3

MONIQUE PEREIRA GOMES

**ADOLESCÊNCIA E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO
PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Banca Examinadora

Livânia Beltrão Tavares

Orientadora: Profª Ms. Livânia Beltrão Tavares

Maria Lúcia Serafim

1º Examinador (a): Profª Ms. Maria Lúcia Serafim

Luzivone Lopes Gomes

2º Examinador (a): Profª Esp. Luzivone Lopes Gomes

Aprovada em 25/11/2014

Nota: 10,0

Campina Grande – PB
Dezembro de 2014

Dedico este trabalho ao Clube de Desbravadores Constelação do Advento, em especial, a cada Adolescente, que fomentou meu sonho de concluir esse curso e compreender as intrínsecas características que os tornam indivíduos peculiares e capazes de nos dar asas com intuito de voar e conquistar impossíveis.

A aqueles que reconhecem em Deus um Ser Supremo que torna cada ser humano um conduto de bênçãos na Terra.

E quem são os adolescentes?

São indivíduos especiais que nos ensinam a encarar plenos de fé o amanhã. Para eles o futuro é agora e o presente para sempre, sendo o tempo uma variável ilógica entre o poder e a escolha.

(MARIA IGNEZ SAITO)

AGRADECIMENTOS

A Deus por ser Meu Tudo. A Ele por ter me concedido a plena oportunidade de avançar e concluir essa etapa em minha vida.

A Sérgio Severino da Silva, meu esposo, companheiro, cúmplice e em especial meu eterno namorado, por nunca ter ofuscado o brilho de minha conquista nessa graduação, mas por ter me apoiado em todas as fases dessa caminhada.

A minha família biológica, por ser meu ninho de afeto e incentivo. Por ser a instância que sempre acreditou e manteve a fé de ser possível. Aqui destaco: minha avó, dona Maria de Lourdes Ferreira Pereira, que sempre teve um brilho no olhar. Minha mãe, Maria Aparecida Pereira, que nunca duvidou de nada, que nunca disse talvez, mas que sempre disse: conte comigo. A meus irmãos Alisson Pereira, Marina Pereira Gomes e Mariana Pereira da Silva, pois em todos os momentos estiveram presentes em meus pensamentos sendo porto seguro em várias ocasiões. Ao meu padrasto Manoel Izidorio de Sousa, que sempre manteve a calma em situações de conflito. A todos os meus tios e tias, que mesmo a distância, com uma simples ligação telefônica sempre dizia: você vai conseguir.

A minha família especial, Paulo Fernando Gomes Corrêa (Painho), Naielda Regis Corrêa, Nayane Regis Corrêa e Angelo Gabriel Regis Corrêa, por ancorar minha esperança de uma família completa. Porém, destaco a figura de Paulo Fernando, por ter realmente assumido uma paternidade que lhe foi conferida com a cumplicidade do amor.

Aos amigos que fiz durante o curso, meus companheiros (discentes e docentes) de todos os dias na sala de aula (turma de Pedagogia 2010.1), por reconhecerem bem de perto os anseios e medos, e ainda, o sabor da conquista. Aqui destaco e menciono Maria Eloisa Borba Martins Campelo e sua Família, a principal amiga que se fez presente em praticamente todo o percurso que trilhei.

A minha orientadora, professora Ms. Livânia Beltrão Tavares, que, de imediato aceitou a causa de orientar um trabalho com características peculiares da adolescência. Por

sempre ter dito: “claro que acredito em você”, mesmo sem saber o quanto essas palavras eram força motriz para a continuidade na jornada.

A banca examinadora, por, de pronto, aceitar o convite e participar do aperfeiçoamento desse trabalho. Saibam que foram escolhidas por representar o melhor que tínhamos nessa Universidade dentro desse campo de estudo.

Ao Clube de Desbravadores Constelação do Advento, por ser meu laboratório inicial de pesquisa. Em palavras simples quero dizer: “amo o clubinho”.

RESUMO

Caracterizar a adolescência e reconhecer suas especificidades deve ser algo comum à escola e aos agentes educacionais. Por se tratar de um ambiente onde perpassa uma grande parcela das fases de desenvolvimento humano, a escola deve estar preparada para agir com os indivíduos, reconhecendo suas habilidades e peculiaridades em cada uma dessas fases. Deve reconhecer o que é possível e favorável para o ensino e em especial o que deve servir de motivação para o sucesso acadêmico dos sujeitos envolvidos, mesmo reconhecendo a dinâmica social e a inserção de novas metodologias e recursos que agrega as tecnologias em seu cenário educacional. A proposta deste trabalho é analisar como a escola tem percebido os sujeitos educandos adolescentes, reconhecendo a fase transitória do desenvolvimento humano, a saber, a adolescência, identificando quais as contribuições das tecnologias digitais no processo ensino e aprendizagem para esses educandos, como recursos que podem favorecer o enriquecimento do conhecimento e da autonomia dos educandos em um novo cenário educacional, no qual as tecnologias estão cada vez mais presentes. Portanto, realizamos uma pesquisa do tipo exploratória, com 228 alunos e 8 professores de escolas públicas e privadas do município de Santa Cruz do Capibaribe – PE, no período que correspondeu de agosto a novembro do ano corrente, com intuito de perceber como os educadores têm relacionado as características propícias da adolescência à sua ação para o ensino com os mesmos. Além de apontar em que as tecnologias podem contribuir para o ensino, desde que bem articuladas às práticas dos professores reconhecendo como as tecnologias podem ser elementos motivadores dentro do processo de ensino-aprendizagem para adolescentes. Conclui-se, pois, valorização dos sujeitos adolescentes independente das tecnologias, mas, exige-se do educador o reconhecimento da dinâmica social que agrega os recursos tecnológicos enquanto elementos que podem contribuir para motivação e, conseqüentemente para o processo de ensino e aprendizagem.

Palavras - chave: Adolescência, Motivação, Processos de Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

Characterizing adolescence and recognizing its specificities should be something common to school and to educational agents. As it is a place where a great portion of human development periods happen, schools must be prepared to act with individuals, noticing their abilities and particularities in each one of these periods. It must be considered what is possible and favorable to teaching and specially what has to serve as motivation to involved subjects' academic success, even recognizing the social dynamic and insertion of new methodologies and resources that aggregate technologies in educational environment. The proposal of this research is to analyze how schools have perceived adolescents students subjects, recognizing the human development period, specially adolescence, identifying what are the contributions from technologies in the teaching-learning process for these students; how resources can favor students' knowledge and autonomy improvement in a new educational environment, in which new technologies are even more present. Therefore, we discussed data of an exploratory research, made with 228 pupils and 8 teachers from public and private schools of Santa Cruz do Capibaribe – PE, aiming to perceive how teachers have related adolescence characteristics to their teaching actions to these pupils. Besides pointing out where the new technologies can contribute to teaching, once well articulated to teachers' practice recognizing how new technologies can be motivational elements with the teaching-learning process for adolescents. We can conclude that the appreciation of teenagers subjects independent of technologies, however, requires from the teacher the acknowledgment of the social dynamic that aggregates technological resources as elements that can contribute for motivation and consequently for teaching-learning process.

Keywords: Adolescence; Motivation; Teaching-learning process

LISTA DE FIGURAS

Quadro 1: Categorização dos professores.	32
Quadro 2: Categorização dos alunos	33
Figura 1: Gráfico com resultado sobre o uso do computador pelos alunos	34
Figura 2: Gráfico sobre a frequência do uso dos computadores pelos alunos	34
Figura 3: Gráfico sobre as fontes de pesquisa utilizadas pelos alunos	36
Figura 4 Gráfico representando o que motiva os alunos a aprenderem	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I - Caracterizando a Adolescência.....	15
1.1 Conceituando a Adolescência.....	15
1.2 O Adolescente e o contexto histórico.....	16
1.3 O Adolescente: ser em transformação.....	18
1.4 O adolescente e as transformações físicas e psíquicas.....	20
1.5 O adolescente e o educador.....	22
CAPÍTULO II- Motivação para aAprendizagem	26
2.1 Motivação e as Tecnologias Educacionais.....	29
CAPÍTULO III – Percurso metodológico – Apresentação e análise dos dados.....	31
Metodologia.....	31
Análises e Discussões.....	33
1.1 Resultados da pesquisa feita com os alunos.....	33
1.2 Resultados da pesquisa feita com os professores.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICES.....	49
Apêndice A – Questionário aplicado ao Aluno.....	50
Apêndice B – Questionário Aplicado ao Professor.....	52

INTRODUÇÃO

O ensino escolar possui suas especificidades, porém, ensinar, exercer a prática docente com alunos que estão no período da adolescência, demanda maiores desafios. Tais desafios correspondem a fatores de grande importância, assim como: a fase transitória, que é a saída da infância para a vida adulta, com todas as suas dificuldades e problematizações, e ainda o contexto social em que estamos inseridos, especialmente no que se refere ao modelo de sociedade, onde o tecnológico e as relações de interação e de comunicação se apresentam como grandes influenciadores das práticas dos homens.

Compreender a relação do educando, nessa fase transitória de sua vida, a adolescência, e seus processos de aprendizagem é importante por considerar-se uma fase propícia a diálogos e possibilidades que favorecem aos adolescentes apropriações de saberes que influenciarão suas decisões e projeções de vida, permitindo ao educador, que estiver atento, uma contribuição significativa, capaz de ajudar o educando a tornar-se um ser social participativo diante dos desafios sociais.

Sendo assim, é importante estar atento quanto ao papel que a escola deve desempenhar; buscando harmonizar os novos modelos sociais e as práticas que correspondem à postura devida nesse momento.

Formar educandos é uma tarefa carregada de muita subjetividade, mas que rende resultados positivos. Os adolescentes, mais que em outras faixas etárias, exigem do educador, seja escolar ou não, muita habilidade para manter relacionamentos saudáveis e satisfatórios. Todavia, tal tarefa proporciona aos educadores um prazer adicional, quando acompanham as relações positivas que constroem através de métodos de socialização favoráveis a tais indivíduos.

Ainda outra perspectiva que os educadores devem considerar é o novo modelo de sociedade que integra em seu cenário cada vez mais o uso das tecnologias em nossas ações diárias. Na sociedade atual, que converge para novos paradigmas educacionais, os alunos devem ser estimulados a interagir com as tecnologias recentes, advindas com o computador e a internet e uma dinâmica repleta de desafios, onde a construção e desconstrução de conhecimentos são constantes, exigindo do indivíduo um caráter ativo no processo de construção de seus saberes.

Ainda outra vertente que emerge novos desafios são os elementos motivadores para o ensino-aprendizagem em todas as esferas do campo educacional, em especial, aos que atendem os educandos adolescentes. É importante reconhecer o que serve como motivador para os processos de ensino, já que podem contribuir para a formação de sujeitos autônomos de seus saberes e de suas práticas. Uma vez que alunos e professores motivados têm muito a contribuir consigo mesmo, com sua comunidade escolar e com seus objetivos pessoais. Portanto, colocamos as seguintes questões: qual a percepção dos professores sobre a motivação dos adolescentes com o uso das tecnologias digitais no processo de ensino aprendizagem? Os alunos se sentem motivados com o uso das tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem?

Para responder a essas questões tem-se o seguinte objetivo: analisar como os professores de escolas públicas e privadas de Santa Cruz do Capibaribe-PE percebem o que motiva os educandos adolescentes em relação à aprendizagem. Para isso, buscou-se caracterizar a adolescência como fase do desenvolvimento humano que exige do educador maior atenção na inserção de aspectos do ensino e da aprendizagem, compreendendo como as tecnologias digitais podem ser elementos motivadores dentro do processo de ensino para adolescentes, apontando os principais recursos tecnológicos que favorecem a autonomia dos educandos adolescentes no processo de aprendizagem.

Para a coleta de dados elaboramos dois questionários que foram respondidos por professores e por alunos da rede pública e privada de ensino no município de Santa Cruz do Capibaribe - PE. O total de participantes da pesquisa foi duzentos e vinte e oito alunos, numa faixa etária entre 10 e 18 anos, e oito professores.

Quanto à organização do trabalho, o mesmo está dividido em três capítulos que discutem os elementos básicos da pesquisa, que são a adolescência, a motivação e os processos de ensino aprendizagem que são propícios para essa fase do desenvolvimento humano, buscando sempre fazer a correlação com os dados da pesquisa seja ela bibliográfica ou a de campo.

No primeiro capítulo apresentamos as principais características da adolescência, descrevendo um breve contexto histórico, com intuito de situar a concepção atual de adolescência e a sociedade como um todo. Em seguida, descrevemos as mudanças físicas e psíquicas que ocorrem nos adolescentes e seus principais pontos de conflitos, sejam eles pessoais, sociais ou até mesmo educacionais. Por fim, abordamos a relação

entre os adolescentes e os educadores e o ponto de harmonia que deve haver entre os mesmos nessa relação.

O segundo capítulo é voltado para a motivação e os processos de ensino-aprendizagem que podem contribuir para a educação com os adolescentes. Ressaltamos a inserção das tecnologias da informação e da comunicação como meios ou recursos educacionais capazes de favorecer a mediação entre o ensino e a aprendizagem. Identificando como as tecnologias têm sido percebidas dentro de espaços educacionais e proporcionando resultados positivos no ensino. E ainda quais são as principais vantagens e desvantagens do ensino com uso de recursos tecnológicos e como o educador deve preparar-se para atuar fazendo uso desses recursos com contribuições significativas em suas metodologias.

O terceiro e último capítulo vem descrevendo o percurso metodológico que realizamos para a produção da pesquisa, assim como pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e análise dos dados. A análise dos dados caracterizou-se por resultados quantitativos descritos em gráficos, e qualitativos com transcrições de respostas e falas dos sujeitos contribuintes da pesquisa, sempre relacionando-os com teorias de fundamentação para esses resultados que intencionaram validar o que havíamos descrito anteriormente.

Portanto, compreendemos que esse trabalho deverá contribuir um pouco mais com o conhecimento da adolescência e sua presença cada vez mais marcada nos âmbitos educacionais. Assim como a sociedade tecnológica, que tem se percebido em todas as instâncias humanas, e por não ser diferente na escola e no contexto educacional.

Reconhecemos que não conseguimos dar conta de tudo o que envolve adolescência, nem tão pouco de tecnologia, todavia nos atentamos para um olhar mais crítico que consegue perceber os sujeitos e suas necessidades específicas, assim como a nova demanda que exige novas posturas dos educadores que trabalham com adolescentes e que fazem uso dela.

CAPÍTULO 1 – CARACTERIZANDO A ADOLESCÊNCIA

E quem são os adolescentes?

São indivíduos especiais que nos ensinam a encarar plenos de fé o amanhã. Para eles o futuro é agora e o presente para sempre, sendo o tempo uma variável ilógica entre o poder e a escolha.

Maria Ignez Saito, 2001.

A adolescência é uma fase significativa na vida das pessoas. São espetaculares as experiências vividas nesse período. Todavia, por mais bela que seja, é ao mesmo tempo cheia de surpresas; que variam entre agradáveis e desagradáveis. Segundo, Saito (2001, p. 3), “É uma etapa fundamental para a vida do sujeito, onde se faz uma relação de tudo que já se viveu na infância ao que virá a ser na vida adulta”.

Ser adolescente é buscar atravessar uma transição muito desafiadora, pois é a época de paulatinamente deixar a infância e ingressar na fase adulta. Isso exige muita energia, controle emocional e psíquico, dentre outras cobranças. É a partir daí que são desmascaradas as mais complexas realidades desse ser. Por isso, para compreender alguns comportamentos e características do adolescente, é preciso um olhar mais crítico para seu passado.

Ainda podemos dizer que educar e conviver com um adolescente parece trazer mais desafios do que os que eles mesmos vivenciam nesse período. Podemos mencionar alguns pontos participativos dessa fase como: contexto familiar (é hora de descobrir “quem” são seus pais, quais bagagens emocionais e também financeiras que seus familiares trazem consigo) e contexto social (costumam testar seus amigos e todos os que o rodeiam para selecionar aqueles que deverão fazer parte de seu novo círculo social).

1.1 Conceituando a Adolescência

Segundo Aurélio (2001, p.18), a “adolescência é um período da vida humana que começa com a puberdade e se caracteriza por mudanças corporais e psicológicas, estendendo-se aproximadamente dos 12 aos 20 anos”.

É importante percebermos que durante séculos o período que hoje compreendemos como adolescência havia sido ignorada como fase de desenvolvimento humano e tinha apenas uma caracterização de período propício para a reprodução humana e da própria sociedade. Não se percebia a transição que há entre o fim da

infância e o início da vida adulta. “O conceito de adolescência não nasceu com o início dos tempos, mas delineou-se como resultado da reflexão humana sobre a singularidade desta etapa de passagem entre a infância e a adultícia”. (SAITO & SILVA, 2001, p. 33) Tais considerações valorizam o que antes não se percebia, que é exatamente essa singularidade e características do *ser* adolescente.

1.2 O Adolescente e o contexto histórico

Contextualizar a adolescência é também contextualizar a sociedade em que vivemos. Uma vez que estamos inseridos em uma sociedade contemporânea ocidental, evidenciam-se comportamentos sociais que interferem no desenvolvimento humano em todas as suas etapas, assim como a adolescência.

Destacamos a própria concepção recente de infância em nossa sociedade, tendo esta por muito tempo concebido a criança como uma miniatura do adulto e somente há pouco tempo compreendida como uma fase distinta e especial do desenvolvimento humano. Esse atraso na concepção da infância intensifica um significativo atraso na concepção da adolescência e em ordem social é uma representação da configuração de família que temos. Sobre isso Silva afirma:

A sociedade Humana é fruto da existência do homem tendo como princípio da vida a infância e a juventude. Nas últimas décadas produziu-se uma ampla rede de conceitos em torno da adolescência, entretanto o conceito emerge no contexto histórico das mudanças ocorridas a partir do século XIX, com a Revolução Industrial, e das transformações no seio da sociedade e da família. (SILVA, 2008, p 393-394)

Na antiguidade, durante o império romano, a fase que hoje denominamos por adolescência era valorizada pela autodeterminação que os jovens tinham e suas respectivas habilidades para solucionar seus desafios. Percebia-se a juventude de modo diferente do que percebemos atualmente em nossa sociedade.

...os meninos romanos da elite, aos 12 anos, deixavam o ensino elementar e passavam a estudar os autores clássicos e a mitologia, com o objetivo de adornar o espírito. Aos 14 anos, abandonavam as vestes infantis, tendo o direito de fazer tudo o que um jovem gostasse de fazer. Alguns jovens, como complementação de seus estudos, viajavam à Grécia. Aos 16 ou 17 anos, podiam optar pela carreira pública ou entrar para o exército. Não existia “maioridade” legal: o indivíduo era considerado impúbere até que o pai ou o tutor considerasse que estava na idade de tomar as vestes de homem e cortar o primeiro bigode. No período entre a puberdade e o casamento, a indulgência dos pais era admissível, devia-se conceder algum privilégio ao calor da juventude. Por outro lado as meninas, aos 12 anos, eram consideradas em idade de casar. O casamento se consumava, no máximo, aos 14 anos, quando então eram consideradas adultas. (FERREIRA & FARIAS, 2010. p. 2-3 *apud* GROSSMAN, 1998)

Desde então as transformações das organizações nas sociedades foram apontando uma “progressão” no modo de perceber esses indivíduos. Os direitos constituintes em cada sociedade foram se aperfeiçoando e hoje temos, além dos direitos já estabelecidos, órgãos que visam à garantia desses direitos para as crianças e os adolescentes em nosso país. Em especial temos algumas políticas voltadas para a educação que visam uma melhoria na qualidade de ensino de cada ser social.

Em geral a adolescência é vista como um período biopsicossocial (FERREIRA & FARIAS, 2010. p. 1) onde as principais mudanças são corporais no período da puberdade, além da inserção no mundo profissional e econômico da vida adulta. Todavia, é importante salientar que não bastam as mudanças físicas para se tornar adulto, é importante a “normalidade” de comportamentos para a participação social e nas relações de poder exercidos por vários agentes sociais. Tais aspectos serão respostas ao tipo específico de cada sociedade, seu contexto histórico e cultural. O que não acontece nas mudanças físicas, e por essa razão se tenta universalizar a adolescência.

Ao mesmo tempo em que é proposta a universalidade do estágio da adolescência, observa-se que ela depende de uma inserção histórica e cultural, que determina, portanto, variadas formas de viver a adolescência, de acordo com o gênero, o grupo social e a geração (Ferreira e Farias 2010 apud Martins & cols., 2003).

Ou seja, os modos de vida da comunidade onde o adolescente está inserido irão repercutir na sua forma de ver o mundo e agir sobre ele.

Nos dias atuais a adolescência é percebida, por muitos autores, tais como Silva (2008), Ferreira & Farias (2010), como um estágio de ciclo vital humano. Onde as cobranças sociais são refletidas nos padrões de comportamento, que são ou não aceitáveis, o ajustamento pessoal e de relacionamento que os indivíduos necessitam fazer e especialmente na resolução de problemas que agora se confrontam com os egressos no mundo adulto.

Sabendo de nossa inserção no mundo onde as interações são fortemente atacadas pela economia favorecendo ao capitalismo social, faz-se de grande importância perceber alguns dos comportamentos dos adolescentes entrando em confronto ou assimilando esse modo de viver e agir no mundo.

Temos um mundo de pregação narcísica, onde o que impera é o desejo de satisfação própria, que independe da situação do próximo, em que a ânsia por ter seus gostos atendidos faz com que percam o foco de seus ideais nobres, fazendo também com que elementos prejudiciais como drogas sejam usados, denunciando assim a fragmentação dos valores essenciais para a vida.

O indivíduo adolescente vive em uma situação comparada a uma antena parabólica, captando as informações, os estilos contemporâneos, os imperativos da moda e os costumes de sua geração. O que dificulta ainda mais para ele é quando ele não foi educado a selecionar as atitudes mais apropriadas e, por fim, vivem em uma verdadeira “embriagues” de comportamentos do cotidiano.

É preciso considerar que educar o adolescente é educar a criança, pois uma criança ensinada a ter certo domínio de si estará apta a acatar informações mais concretas nessa fase para enfrentar novos desafios no futuro. White (2004), falando sobre esse assunto diz:

Na infância e na juventude é que o caráter é mais impressionável. Então é que deveria adquirir o poder do domínio próprio. Junto à lareira e a mesa doméstica exercem-se influências cujos resultados são perduráveis como a eternidade. Mais do que qualquer dom natural, os hábitos contraídos nos primeiros anos decidirão se a pessoa será vitoriosa ou vencida na batalha da vida. (WHITE, 2004, p. 134).

Portanto, para se educar uma adolescente, envolve muito mais do que se pode acreditar. Pois não é um trabalho apenas dos educadores, é antes de tudo dos pais, que na infância já devem ensinar os valores morais úteis para a vida. Não esquecendo que seus hábitos são transmitidos para os filhos até mesmo de forma inconsciente. Como é o caso do uso nocivo do álcool ou de alguma outra substância química.

1.3 O Adolescente: ser em transformação

É importante considerar a adolescência como uma fase do desenvolvimento humano e que este faz parte de uma sociedade e, conseqüentemente irá interagir com os valores culturais, sociais e econômicos na construção desses sujeitos adultos. Permitindo-nos relacionar seus (do adolescente) comportamentos e atitudes às interações com os fatores genéticos e ambientais (SAITO & SILVA, 2001).

É difícil compreender como aquela criança tão quieta, comportada e graciosa, de repente apresenta-se como desajeitada, incontrolável, impulsiva e exigindo tantas novas adaptações.

Essas novas adaptações serão bem mais fáceis de serem desenvolvidas se durante a infância foram apresentados valores morais e sociais merecedores de confiança. Segundo White (2004):

Por uma educação menos sábia na infância desenvolveram caráter defeituoso; e, à medida que avançaram os anos, essas falhas se tornam mais evidentes a ponto de arruinar a experiência. Essas pessoas por preceito e, por exemplo, desencaminhamos que mostraram menor força moral. (WHITE, 2004, p. 164).

Para o indivíduo adolescente, ficará mais fácil de compreender quando é hora do “sim” e do “não”, do respeito, da autoconfiança, se isso o acompanhou até aquele período de vida. Compreende-se que não poderemos nos valer da generalidade, pois poderá acontecer que um adolescente traga consigo isso ou não, e passe a cursar um caminho diferente do que se esperava.

Por isso, antes de impor formas de lidar com o adolescente, é preciso compreender algumas coisas. Primeiramente não devemos esquecer que existem características que são comuns aos adolescentes, mas que cada ser é individual e apresentará também atitudes individuais, ou seja, nunca poderão ser tratados de forma igualitária. Sobre isso Ferreira e Farias (2010, p. 2) afirmam: “As experiências vividas ao longo de sua vida marcam o indivíduo como ser único, apesar de compartilhar algumas características com outros jovens”.

Depois, é preciso atentar para o que essa fase representa, pois ela é o período em que o adolescente buscará sua própria identidade (SILVA, 2008, p. 395). Isso significa que ele precisa situar-se. Precisa afirmar quais são seus gostos pessoais, quem são os seres que o cercam: “será que eles poderão permanecer ou penetrar em meu grupo de convívio?” É a partir dessas escolhas que constroem seu próprio eu. Tendo ainda a relação que o adolescente faz entre o ambiente e sua família na busca por sua independência, podendo transferir a dependência dos pais para a turma.

...a construção da identidade ocorre a partir do momento em que possibilitamos ao adolescente desenvolver uma consciência crítica do eu, do outro e do meio, ou seja do quem sou eu? Como eu me vejo? Como o outro me vê? É com base nessa reflexão que o adolescente vai situar-se no contexto

social mais amplo e a partir daí construir sua identidade conforme o seu imaginário social. (ideais de mudança). (SILVA, 2008, p. 395)

A adolescência é uma fase taxada de rebeldia, mas o que de fato acontece é que o adolescente é um ser inseguro e essa insegurança produzirá certa impulsividade, agressividade e tudo porque está na hora de construir sua independência, ou até mesmo sua individualidade. Essas transformações podem assustar num primeiro momento seus pais e educadores, mas, segundo Saito (2001) são características normais;

Problemas normais dos adolescentes se relacionam à turbulência, à rebeldia, às alterações de humor e/ou à dificuldade em esperar. As linhas de construção e destruição, o sucesso e o insucesso, a segurança e o risco se intercalam ou caminham lado a lado e, por vezes, até se confundem, aumentando a vulnerabilidade, ao mesmo tempo em que incrementam a capacidade de adaptação para o fortalecimento do indivíduo. (SAITO & SILVA, 2001, p. 34)

A busca por sua individualidade emerge também a necessidade de independência, que por sua vez deve percorrer nos aspectos moral, emocional e financeiro. No entanto, não significa que esse será um processo rápido e imediato, até porque para se tornar independente, exige tempo. Resulta-se então em um dos mais complexos temas do adolescente: o imediatismo.

Parecem intransponíveis as atitudes dos adolescentes diante de um desejo fracassado. Quando se diz: “não” é como se jogasse um balde de água fria sobre si. O que torna mais difícil é que não se dá uma explicação para as atitudes consideradas erradas, mas o adolescente exigirá uma explicação clara. Porém, isso é algo comum e deve sim ser dada essa explicação. Por mais que o adolescente preze pelo imediato é importante orientá-lo preventivamente quanto às questões do presente.

1.4 O adolescente e as transformações físicas e psíquicas

Além de tudo isso que se torna evidente na adolescência, ainda se precisa atentar para uma das maiores mudanças que ocorrem nessa fase, as mais conhecidas mudanças físicas. É hora desse corpo de criança transformar-se em um corpo de adulto com variações para o desenvolvimento dos sexos masculinos e femininos. A esse conjunto de mudanças e componentes biológicos que caracterizam a adolescência dá-se o nome de puberdade.

Segundo LEAL & SILVA (2001) os principais componentes da puberdade são:

- Estirão do crescimento pômbero-estatural;

- Modificação da composição corporal, resultado do desenvolvimento esquelético e muscular e modificação na quantidade e distribuição de gordura;
- Desenvolvimento do sistema cardiorrespiratório, predominante no sexo masculino, com resultante desenvolvimento da força e resistência;
- Desenvolvimento do aparelho reprodutor.¹

Quanto às características físicas aqui descritas não iremos discutir sobre todas, mas nos deter em algumas modificações corporais e ainda outras mudanças psíquicas.

“A marca registrada da adolescência é a transformação ligada aos aspectos físicos e psíquicos do ser humano” (SAITO & SILVA, 2001, p. 33). As mudanças corporais, o aparecimento das acnes reproduzidas devido ao trabalho ativo das glândulas sebáceas e acompanhadas de uma alimentação inadequada, são características de grandes críticas que sucedem no próprio adolescente e também de seus colegas. (TELES, 2001, p. 130)

Ainda poderemos ver nessa fase o desaparecimento de uma glândula endócrina (timo), sucedido do amadurecimento de outras chamadas gônadas. Segundo Teles (2002 p.) isso gera uma efervescência no funcionamento de todas elas e irá repercutir no comportamento do adolescente.

Essas glândulas têm funções distintas. As endócrinas são as responsáveis pelas emoções do adolescente, fato que acarretará em uma montanha russa de emoções e sentimentos que hora permitirão aparecer alegria, hora tristeza, atividade, ociosidade, querer e desprezar (Teles. 2002 p. 130), dentre outro comportamentos. Esses comportamentos refletem uma enorme variação que segundo Levi & Schmitt, (1996) apud Silva (2008) "O verão é a estação das tempestades, das altas temperaturas, ora é o Sol, ora é a chuva. Na juventude também é assim, acontece tempestade de emoções, as paixões são mais ardentes e os sentimentos sofrem constantes oscilações. São momentos de crise, individual e coletiva". (SILVA, 2008, p. 393 apud LEVI & SMCHIMITT)

Há ainda as glândulas gônadas que irão desenvolver a tensão sexual. As transformações fisiológicas que ocorrem juntamente com essa tensão irão apresentar

¹ Lista de características da puberdade disponível na obra “Adolescência: Prevenção e Risco” de SAITO & SILVA (orgs) 2001, p. 42

para o adolescente a crença de que ele já está pronto para o ato sexual, no entanto seu amadurecimento psicológico, a sua sociedade, seus pais não dirão a mesma coisa, por fim resultará em mais um conflito para eles. Sobre o assunto Teles afirma:

O fato é que as glândulas são responsáveis pelo bom funcionamento de todo o organismo e pelo equilíbrio psicossomático. Assim o distúrbio de uma glândula, ou a falta de sincronização entre elas, há de determinar, além das disfunções dos órgãos, perturbações no psiquismo do indivíduo. (TELES, 2001, p.130)

Percebe-se então, que o desequilíbrio das glândulas ocasionará comportamentos sociais, físicos e emocionais inferiores ao almejado. Ou seja, poderão resultar em hiperatividade, inércia e outros problemas da psique humana. O que não deve angustiar seus educadores uma vez que, deva ser considerada a quantidade de mudanças corporais e emocionais que surgiram em um curto período de tempo e que exige uma postura de resignificação desse corpo e ser em sua totalidade.

1.5 O adolescente e o educador

Tomamos por conceito inicial para esse tópico a afirmação de que o adolescente vive a fazer testes para descobrir até que ponto ele pode confiar em determinadas pessoas ou até mesmo em certas coisas, porém, é preciso compreender que para o adolescente aceitar qualquer modelo de ensino, ele precisa encontrar confiança e segurança no transmissor. Portanto, é preciso desenvolver sincera amizade, pois resultará em ótimas atitudes assim como segurança naquele que orienta, lidera ou transmite os conhecimentos. Depois disso, há um vasto campo de comportamentos e influências que servirão para tais fins.

Outras considerações a serem feitas estão relacionadas aos fatores externos que influenciam na educação de cada indivíduo. Uma vez que, muitas são as fontes educacionais disponíveis durante a juventude cabendo a necessidade de orienta-se por uma fonte límpida de conhecimentos e conceitos morais. SILVA (2008) enfatiza:

Antes a educação dos filhos era moldada de dentro para fora, hoje sofre influências externas: meios de comunicação, consumismo exacerbado, a prevalência do *Ter* sobre o *Ser*, pressão de grupos, o meio, acesso fácil as drogas, busca de identidade, são geradores de comportamento desviante, entende-se comportamento desviante a incapacidade do indivíduo de adaptar-se as normas e regras sociais. (SILVA, 2008, 397)

Desse modo, é evidente que educar um adolescente traz consigo a necessidade de reconhecer a sociedade e seu contexto histórico, não para valorizar um determinismo

social, mas exatamente por se reconhecer que somos indivíduos passivos e ao mesmo tempo ativos nos processos de ensino e, dessa forma captamos as informações de forma consciente ou até mesmo inconscientes.

É necessário estabelecer uma comunicação baseada no respeito, compreensão, que se faça ouvinte do adolescente, que o anime mesmo quando ele exija muito esforço para isso, pois não podemos esquecer que seu humor é instável, ainda é muito importante planejar junto com ele e valer-se de uma atitude justa e firme nas ocasiões necessárias, estabelecendo sempre um diálogo, onde a voz do adolescente possa ser ouvida e respeitada, o que não significa que será dado o direito de fazer o que bem desejar, mas que ao menos ele perceba que está sendo ouvido.

Quando o adolescente compreender que tem em seu educador um amigo sincero e quantas outras virtudes, com certeza as dinâmicas que forem usadas serão de grande valia para a educação, isso significa que um ótimo passo foi dado para o sucesso educacional.

O mundo adulto se apresenta para o adolescente, muitas vezes como algo inalcançável. Mas, uma vez que o adolescente precisa adentrar nele, passará a descortinar coisas que antes pareciam misteriosas, mas que agora parecem sem sentido. Como é o caso de sua sexualidade. Ele busca descobrir o porquê de ser impedido de satisfazer seus desejos sexuais quando eles surgem.

Os adolescentes não irão mais responder como crianças, passarão a ter uma linguagem própria, um senso crítico dos acontecimentos e atitudes quanto ao outro. Isso muitas vezes constrange seus educadores, pois acharão que não existe mais aquele respeito que antes existia, mas, na verdade deve-se considerar que o desenvolvimento do pensamento alcançou novas hierarquias o que incrementará a capacidade do intelecto. Portanto, quando não bem compreendidos passam a serem taxados de rebeldes. E aquela submissão tão comum agora é questionada.

O adolescente deseja descobrir “quem” são seus professores, saber se eles são aliados de seus pais ou se tem autonomia. Desejam saber o que eles têm de especial a oferecer, se são confiáveis ou não. É importante valorizar a confiabilidade e a confidencialidade. A partir do momento em que seus questionamentos são respondidos e satisfeitos, os adolescentes irão desejar obter companheirismo e conhecimento de sua parte.

Não significando assim que o adolescente não goste de seus educadores. A verdade é que eles gostam, mas querem obter confiança em suas palavras e atitudes. É bom que fique claro que para educar um ser já adolescente é preciso um pouco mais de dinâmica no ensino. O adolescente vive captando ideias e acontecimentos, pois lhe chamam a atenção e o que ele vê o influenciará fortemente também na área do ensino o que nos permite buscar compreender a relação entre a adolescência e as tecnologias digitais.

É primordial reconhecer o contexto histórico em que está situado o adolescente, e reconhecer que a amizade e os entretenimentos andam juntos e devem ter uma boa harmonia. O jovem contemporâneo tem um vasto campo de atividades que o chamam a atenção e se as atividades apreciadas nessa época forem trazidas para a convivência com o adolescente tornar-se-ão bons instrumentos de interação, socialização e por que não dizer, de educação.

Mas, atender adolescentes demanda posturas éticas, conhecimento específico, atuação frente a situações que envolvem família, ou mesmo outros grupos de referência, que constituem pré-requisitos indispensáveis para quem vai realizar esse tipo de atenção, seja pediatras, ginecologistas, psiquiatras, endocrinologistas ou outros especialistas. (SAITO & SILVA, 2001, p. 8)

Identificamos que há necessidade de um conjunto de participantes nessa ação do educar integralmente o adolescente, pois há situações que exigem uma demanda de colaboradores capacitados para atuar em parceria com todos os sujeitos envolvidos. É perceptível que o educador escolar sozinho não consegue dar conta das responsabilidades da educação nessa fase da vida e tal reconhecimento se faz necessário para uma atuação significativa.

Portanto, não devemos ignorar o educando adolescente, mas saber e reconhecer sua inserção no mundo e os valores por ele pregados. Tal papel responsabiliza a escola enquanto lugar de interações sociais e espaço de saberes desvendando as carências que a escola carrega por muitos anos e que são refletidos no aprendizado de seus alunos e seus grupos de interação.

Para ressaltar Silva afirma que a escola tem o papel de “identificar as necessidades de seus educandos e adequar a metodologia tendo como instrumento fundamental a “informação, dos saberes, das competências e capacidades” possibilitando a estes, uma compreensão crítica da realidade, visão de mundo e de sociedade”. (SILVA, 2008, p. 405)

Compreendemos que a relação entre educador e adolescente pode e deve ser saudável, mas para tal é necessário inicialmente um reconhecimento desse ser e suas peculiaridades, valorizando sempre suas potencialidades e condições para interação e aprendizado. E ainda enfatizar no educador seu compromisso político capaz de ver no adolescente um protagonista social e educacional.

Para isso vale ressaltar a importância de identificar as motivações, quais elementos podem servir como motivadores ou quais recursos atendem essa demanda na interação educacional com adolescentes e suas peculiaridades.

CAPÍTULO II - MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM

“a aprendizagem é um processo pessoal, reflexivo e sistemático que depende do despertar das potencialidades do educando, de maneira sozinha ou com a ajuda do educador”. (RAASCH, 1999, p. 1)

Um dos principais aspectos a ser discutido entre os educadores nos dias atuais diz respeito à motivação para a aprendizagem (RAASCH, 1999). Essa inquietação está relacionada às novas formas de se conceber o mundo e os enfoques dados às relevâncias sociais no e/ou para o aprendiz. Uma vez que é conquistado o direito de se compreender e selecionar conteúdos importantes e significativos para a autonomia dos sujeitos por meio do conhecimento exige-se novas posturas, metodologias e recursos educacionais. E ainda o que é motivação e quais as teorias que fundamentam a aprendizagem.

Portanto, a motivação virá a ser tudo o que “move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar de curso” (RAASCH, 1999, p. 2). Dessa forma, é imprescindível conhecer os educandos e reconhecer suas metas, especialmente pelas novas conotações que se vem dando a motivação, cabendo até as metas pessoais ou anseios que os sujeitos desejam saciar.

Consequentemente, a motivação conduz a atitudes dinâmicas, ativas e persistentes. Constatamos que quem está motivado fica facilmente mobilizado para intervir, sente-se com forças intrínsecas, valoriza-se, dando assim menos relevância aos obstáculos do que à ideia de sucesso. (MENESES, 2012, p. 23)

Alguns estudos e pesquisas realizadas por Meneses (2012) sobre o assunto revelam que existem fatores intrínsecos e extrínsecos que servem como fonte de motivação. Dentre eles, destacamos como fatores intrínsecos *o instinto*, onde o indivíduo reage impulsivamente; *os hábitos*, que são consequências de aprendizagens e costumes sociais; *as atitudes mentais*, que vem a ser a afirmação do Eu (auto-estima); *os ideais*, sendo um padrão como objetivo a atingir e *o prazer*, sendo este um reflexo automático que procura situações agradáveis.

Já os fatores extrínsecos são a personalidade do professor, onde as relações de afetividade e empatia favorecem o prazer de aprender; a influência do meio, disso depende a formação do caráter, desenvolvimento pessoal, gostos e aptidões e a influência do momento, a instabilidade emocional do aluno leva-o a revelar, consoante os momentos, atitudes diferentes perante o trabalho a realizar (MENESES, 2012, p. 24).

Sobre a escola recai a necessidade de acreditar na capacidade de seus educandos em superar suas expectativas e na certeza do êxito (RAASCH, 1999). Permitimo-nos, portanto, afirmar a importância das relações afetivas como o primeiro elemento motivador dentro da sala de aula. Uma vez que é esse educador que precisa “descobrir” quais elementos motivacionais têm êxito no ensino de sua clientela, valendo-se da compreensão da proximidade que há entre motivação e aprendizagem, que segundo Meneses:

A relação entre a aprendizagem e a motivação vai além de qualquer pré-condição estabelecida, ela é recíproca e, dessa forma, a motivação pode produzir um efeito na aprendizagem e no desempenho, assim como a aprendizagem pode interferir na motivação. (MENESES, 2012, p. 20)

Ainda, fazendo uma ponte entre as características da adolescência capazes de evidenciar cobranças de seus educadores e a necessidade de se deixar conhecer para que a motivação seja evidente e eficaz em seu caminho permitindo a autonomia do saber, devemos ressaltar o interesse do educador em utilizar a afetividade como conduto na relação e nos processos de ensino e aprendizagem. Isso por compreender que: “Neste período conturbado, repleto de transformações, a boa formação sistemática e assistemática do jovem estudante possibilita que o mesmo encare a vida com maior destreza” (RAASCH, 1999, p. 4).

É na escola que se mostra um caráter mais promissor para o futuro de muitos jovens. O sucesso escolar, portanto, vem a ser uma das maiores cobranças por parte dos pais e educadores. Fazendo recair (muitas vezes) sobre os educandos a “culpa” e a responsabilidade pelos insucessos educacionais. Sendo esse último o grande responsável pelos números de evasões escolares e desestímulo pelo aprender. Cabe mais uma vez salientar a necessidade de um reconhecimento de nossa realidade, mas também, um fomentar pelos anseios e condições de crescer juntos. Todavia, deve-se enfatizar que:

A motivação do aluno é uma variável relevante do processo ensino/aprendizagem, na medida em que o rendimento escolar não pode ser explicado unicamente por conceitos como inteligência, contexto familiar e condição socioeconômica. (MENESES, 2012, p. 20).

Ao educador cabe colocar-se na condição de aprendiz e acessível aos alunos identificando uma promoção pelo *fazer* junto motivando e educando reciprocamente. Para isso é importante um momento de intimidade com seus educandos, respeitando suas permissões e acessos abertos ao educador (RAASCH, 1999). Não forçando as relações, mas conduzindo-as naturalmente. Dando preferência por essa intimidade com

a forte presença da família, guardando, portanto, os direitos e em especial a segurança e privacidade dos adolescentes.

Vale ressaltar essa interação como elemento comum entre aluno-professor e aluno-aluno, ou seja, é possível e acessível a motivação por meio das trocas de saberes e interesses comuns entre os grupos, desde que se oriente as ações podemos perceber a produtividade nas trocas. Sobre isso Raasch (1999) afirma:

A interação grupal fortalece a autoestima do aluno, a convivência solidária e a visão de mundo que ele constrói. Nestes termos, as relações professor/aluno, aluno/aluno, família/aluno, professor/aluno/família e demais participantes do processo educativo devem ser próximas, intensas, abertas o suficiente para permitirem as trocas efetivas favoráveis ao melhor termo do processo ensino-aprendizagem. (RAASCH, 1999, p. 15)

Dessa forma, se na escola essas relações são estabelecidas e respeitadas, torna-se favorável o ensino e as trocas de saberes sendo, portanto, elementos positivos na aprendizagem. Ainda por considerarmos de extrema importância a quantidade de informações que estão disponíveis no meio que nos cerca e a necessidade de “dividir” esses conhecimentos entre os grupos, em vez de enfraquecer, estaremos fortalecendo o todo. Uma vez que não haverá particularidades no saber, mas sim certa apropriação ainda que com destaques em alguns conteúdos, mas aí entra a possibilidade de autonomia, em conceitos que pareçam mais relevantes para cada aluno.

Compreendemos que deve ser interesse dos educadores tornarem o ensino algo prazeroso em que seja gostoso estudar. Para isso é necessária uma nova postura do educador. Meneses (2012) ressalta:

As razões que levam estes jovens a ser insensíveis aos estímulos são diversas. No primeiro caso, porque estes não lhes dizem nada: ou já os conhecem, ou têm acesso a meios de informação mais sofisticados, ou têm solicitações sociais mais motivadoras; no segundo caso, porque não se encontram qualquer tipo de relação entre os seus interesses e aspirações e o conteúdo das matérias que lhes são transmitidas. Nada do mundo exterior, nenhum episódio da sua experiência vivencial tem ligação com o que se passa na aula. (MENESES, 2012, p. 28)

O sucesso nessa proposta está em inicialmente despertar o interesse e a curiosidade dos educandos, para isso se faz necessário conhecê-los e ainda identificar o que pode ser significativo no seu processo de aprendizado. Depois disso o educador pode passar para a fase seguinte que vem a ser *o Ensinar a Estudar*. (Meneses, 2012, p. 28).

2.1 Motivação e as Tecnologias Digitais Educacionais

[...] como professores é nossa convicção que o aparecimento de novas tecnologias poderá contribuir para a criação de “novos ambientes” de trabalho que promovam a motivação e o sucesso na aprendizagem. (MENESES, 2012, p. 6)

Na contemporaneidade, nos deparamos com uma gama de informações, às quais nos fazem pensar novas formas de aprender e ensinar. É nesse espaço de quebra de paradigmas educacionais que surge a necessidade de releituras acerca dos recursos didáticos existentes nos espaços escolares.

A educação é um dos bens culturais mais importantes e valorizados na nossa sociedade, todavia ela é dinâmica, uma vez que deve acompanhar o dinamismo que a própria sociedade se propõe. Nesse panorama social, identificamos as tecnologias como importantes recursos para o ensino. E as escolas já se percebem na obrigação de agregar novas formas de ensinar e de aprender.

Vale lembrar que as inovações tecnológicas têm avanços muito rápidos enquanto a escola não conseguiu ainda acompanhar seu próprio tempo na tecnologia.

Desse modo é de se esperar que a escola, tenha que “se reinventar” se quiser sobreviver como instituição educacional. É essencial que o professor se aproprie de gama de saberes advindos com a presença das tecnologias digitais da informação e da comunicação para que estes possam ser sistematizados em sua prática pedagógica. A aplicação e mediação que o docente faz em sua prática pedagógica do computador e das ferramentas multimídia em sala de aula, depende, em parte, de como ele entende esse processo de transformação e de como ele se sente em relação a isso, se ele vê todo esse processo como algo benéfico, que pode ser favorável ao seu trabalho, ou se ele se sente ameaçado e acuado por essas mudanças. (SERAFIM & SOUSA, 2011, p. 18)

Por essa razão, é importante que o educador se perceba dentro de uma situação que deve acomodar as ferramentas que ele já tem domínio, com as que ele poderá vir a ter, desde que pesquise e interesse-se pelo aprendizado. Ou seja, o professor deve reconhecer seu papel de mediador do conhecimento, mas também estar aberto a novos conteúdos e domínio de ferramentas antes não exploradas. Tal domínio se exige por compreender que:

A questão da integração das tecnologias na escola tem sido alvo do interesse recente por parte de muitos investigadores que analisam esta problemática desde diferentes perspectivas e pontos de vista. Todos tentam encontrar razões para justificar tanto os casos de sucesso como os de insucesso de integração curricular das TIC, convergindo contudo as opiniões da grande maioria dos autores no que toca a considerar que uma efetiva integração das TIC no currículo implica investimento em dois domínios – na atitude dos

professores e numa adequada capacitação para o seu uso (MENESES, 2012, p. 54 apud Silva & Miranda, 2005; Peralta & Costa, 2007).

Os desafios para uma educação de qualidade exigem mais e mais dos profissionais de educação. Dos professores se salienta maior qualificação no ensino que vir de uma formação continuada. Dentro dessa necessidade de qualificação há uma grande exigência por orientar o aluno a tornar-se emancipado de seus conhecimentos e aprendizados.

Percebe-se a importância em pesquisar os recursos disponíveis e apropriados para a realidade educacional que sejam significativos na contribuição e motivação para a aprendizagem.

Talvez o recurso ao uso das TIC na sala de aula, podem demonstrar mais motivação e interesse nas atividades e não, muitas vezes, fazendo as atividades por obrigação, ou de forma pouco responsável e, em alguns casos, desprezando uma grande parte da vida escolar (MENESES, 2012, p. 48, apud, GARRIDO, 1990; LENS, 1994).

É sumamente importante que os professores se apropriem das tecnologias não somente para motivar os alunos, mas especialmente para compreender a dinâmica e os processos ativos em nossa sociedade (RAMOS & COPPOLA, 2008-2009, p. 3). Ou seja, há uma grande possibilidade de aproximação entre professor e aluno no processo educacional por meio dos recursos tecnológicos desde que planejados, apropriados e com finalidades específicas.

Os recursos tecnológicos, como a internet ajudam a quebrar barreiras de localização e tempo trazendo uma maior abertura aos processos de ensino-aprendizagem. Essa concepção já vem sendo discutida por outros autores que reconhecem assim como Gadotti (2000) que o “ciberespaço rompeu com a idéia de tempo próprio para a aprendizagem (...), o espaço da aprendizagem é aqui – em qualquer lugar -, e o tempo de aprender é sempre”. (SANTOS & MOITA, 2001, p. 109 apud GADOTTI, 2000, p. 250). Além de possibilitar novas formas de comunicação e informação.

Entretanto, é essencial ressaltar que deve partir do professor a ampliação, continuidade e qualidade em sua formação capaz de emancipá-lo das ferramentas disponíveis e capazes de favorecer a própria motivação do professor no que se refere ao ensino. Vemos, portanto, uma via dupla com necessidade de apropriação até que sirva como recurso de motivação para o ensino.

CAPÍTULO III – Percurso metodológico – Apresentação e análise dos dados

Metodologia

A metodologia que empregamos para a produção desta monografia se deu em etapas. Inicialmente fizemos um levantamento bibliográfico sobre o assunto com o intuito de fundamentar o que compreendemos relevantes para a concepção da adolescência puramente discutida e em seguida do que pode servir como elementos motivadores para esses sujeitos.

A próxima etapa seguiu com uma pesquisa de campo, do tipo exploratório (SEVERINO, 2007), na qual o objeto deve ser explorado em seu próprio meio. Além de estudos qualitativos, por reconhecermos nessa abordagem uma maior relação entre o pesquisador e o objeto em estudo, sobre isso enfatiza Malheiros (2001), “as pesquisas qualitativas tentam compreender os fenômenos pela ótica do sujeito”. Assim, podemos construir nossa análise a partir do nosso olhar, criando hipóteses que deverão ser confirmadas e, por conseguinte teorizadas.

Os dados foram coletados por meio de questionários, um para ser respondido por professores e outro para ser respondido por alunos (apêndice A e B) de escolas públicas e privadas no município Santa Cruz do Capibaribe, localizado no agreste pernambucano, com população estimada em 87.582 habitantes (IBGE, 2012). Foram oito as escolas pesquisadas, localizadas na zona urbana da cidade, sendo quatro escolas públicas (duas municipais e duas estaduais) e quatro escolas da rede privada de ensino.

Antes de ir a campo para fazer a pesquisa fizemos uma pesquisa “piloto”, tanto para os professores quanto para os alunos, com o objetivo de identificar se as questões seriam suficientes para atender nossas indagações, ao que pudemos constatar que o questionário para os professores estava aquém do que necessitávamos. As questões ainda necessitavam de ajustes, uma vez que, uma das questões não estava clara para os professores que realizaram a pesquisa “piloto”. O que nos motivou a removê-la do questionário.

Voltando aos objetivos de nossa produção, percebemos que seria necessário acrescentar uma questão que atendesse a um de nossos objetivos que estava deixando de ser contemplado.

Por fim, realizamos a análise das respostas, considerando os dados e relacionando-os com as abordagens e propostas dos autores que selecionamos durante nossa pesquisa bibliográfica.

O total de professores participantes da pesquisa foram oito, categorizados como PA (professor A, B, C, D, E, F, G e H). Quanto às escolas, categorizamos como E1 e E2 para as escolas públicas municipais, E3 e E4 para as públicas estaduais e E5, E6, E7 e E8 para as escolas privadas, conforme o quadro abaixo:

Professora	Escola	Área de Formação	Tempo Serviço	Nível Escolaridade	Vínculo Institucional	Setor de atuação
PA	E1	Pedagogia	09 anos	Superior	Efetiva	Fundamental I
PB	E2	Geografia	15 anos	Superior	Contrato Temporário	Fundamental II
PC	E3	Língua Portuguesa	16 anos	Superior	Efetiva	Ensino Médio
PD	E4	Educação Física	04 anos	Superior	Contrato Temporário	Ensino Médio
PE	E5	Pedagogia	08 anos	Superior	Fichada	Fundamental II
PF	E6	Língua Espanhola	04 anos	Superior	Contrato temporário	Fundamental II
PG	E7	Língua Portuguesa	04 anos	Superior	Contrato Temporário	Fundamental II
PH	E8	Língua Espanhola	04 anos	Superior Incompleto	Contrato temporário	Fundamental II

Quadro 1: Categorização dos professores. **Fonte:** autor

Quanto aos alunos que contribuíram com a pesquisa, formaram um total de 228 participantes, sendo estes alunos do ensino fundamental I e II e também do ensino médio, conforme o quadro abaixo:

Ano de Ensino	Escola	Total de alunos	Faixa Etária Aproximada
5º Ano do Fundamental	E1	27	10 a 12 anos
6º Ano do Fundamental	E5	28	11 a 13 anos
7º Ano do Fundamental	E2	26	12 a 17 anos
8º Ano do Fundamental	E5	31	13 a 15 anos
1º Ano do Ensino Médio	E4	73	14 a 17 anos
2º Ano do Ensino Médio	E3	32	15 a 18 anos
3º Ano do Ensino Médio	E3	11	15 a 18 anos

Quadro 2: Categorização dos alunos

Fonte: Autor

ANÁLISES E DISCUSSÕES

1.1 Resultados da pesquisa feita com os alunos

Sobre a frequência do uso do computador pelos alunos, identificamos que em sua maioria os alunos fazem uso deste recurso, corroborando com o que autores como Kenski (2010) afirmam sobre a inserção das tecnologias nas gerações mais novas e suas habilidades em tornar as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) cada vez mais presente em seu cotidiano. A figura 1 nos permite compreender os dados:

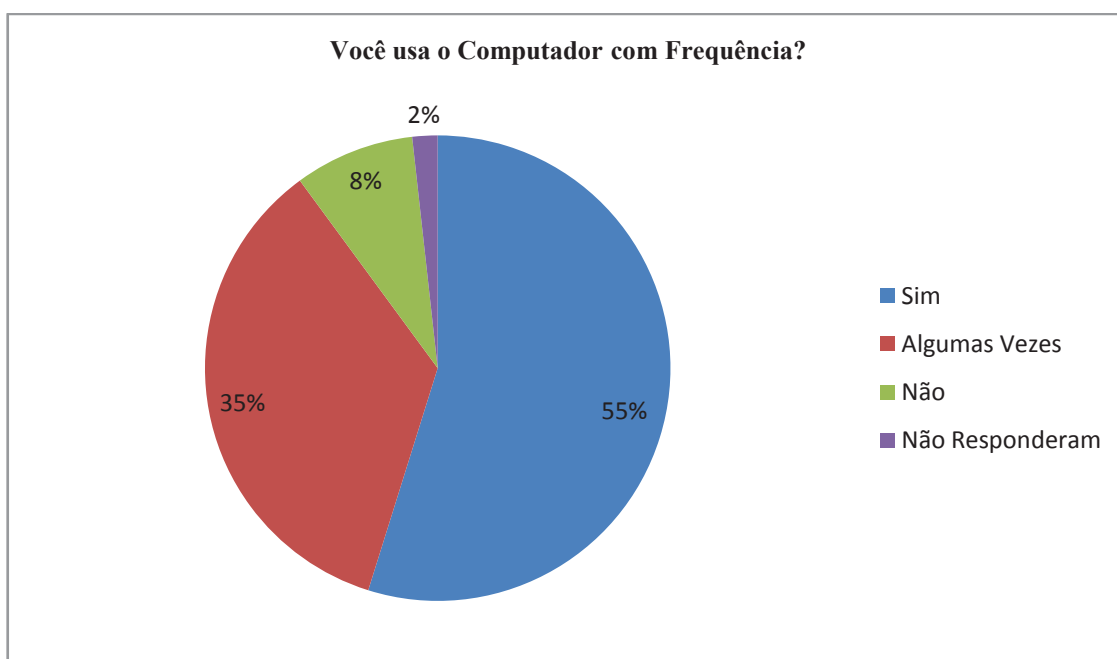


Figura 1: Resultado sobre o uso do computador pelos alunos **Fonte:** Autor

Quanto à frequência do uso do computador, a resposta confirma a situação anterior. Sobre a constância desse recurso por parte dos alunos temos os dados.

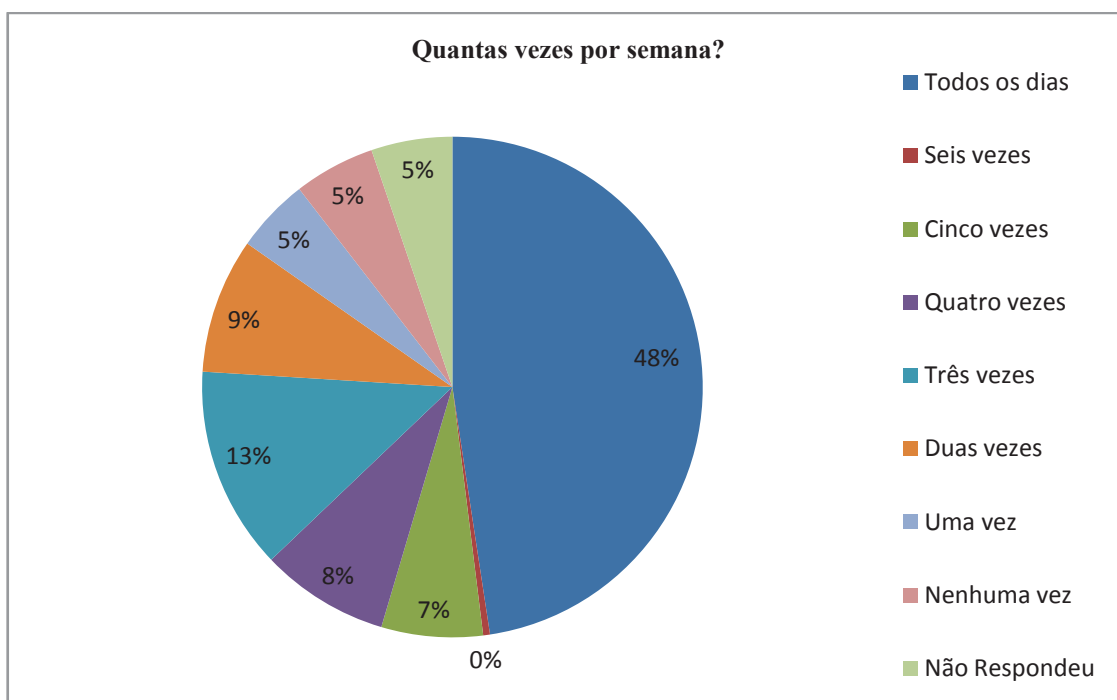


Figura 2: Representação quanto à frequência do uso dos computadores pelos alunos. **Fonte:** autor

Quanto o acesso à internet, 200 alunos afirmaram que têm acesso, 19 afirmaram acessar algumas vezes por semana, 7 deles não acessam a internet e 2 não responderam. Esses dados nos revelam que mesmo não fazendo uso do computador, em algum momento eles acessam a internet por meio do celular com os dados móveis. Validando a urgência dos mesmos em interagir e conectar-se com os outros e com o mundo, além de sua capacidade em fazê-lo, o que autores como Serafim (2013), Tajra (2008) e Pretto (2010) apontam como um bom nível de letramento digital por parte desses educandos.

As respostas sobre as aulas com uso de computadores e acesso à internet foram as que mais nos chamaram a atenção, apontando que 201 alunos responderam afirmativamente que na sua escola eles não têm aulas com computadores nem acessam a internet e somente 24 alunos afirmaram fazer uso desse recurso em suas aulas, os outros três não responderam. Tais dados chamam a atenção da discrepância que ainda há entre a dinâmica social que vivemos e a realidade das escolas que não se apropriaram da dimensão e da necessidade de acompanhar o crescimento tecnológico desta geração. Os dados evidenciam que a escola não está preparada para atender à nova demanda social

que cresce com o intuito de interagir com os recursos tecnológicos disponíveis. Vale salientar que as respostas negativas sobre o uso do computador e a internet na aula são realidades de escolas públicas e privadas, não escapando nenhuma brecha para jargões de que apenas as escolas públicas estão aquém nessa demanda.

Quando indagados sobre o interesse em assistir aulas com uso de computadores e outras ferramentas tecnológicas, 207 alunos afirmaram que “sim”, gostam ou gostariam de assistir aulas com uso de computadores, 16 responderam que “não” e 5 não responderam. É interessante pontuar que a pergunta no questionário era sucinta, porém, estava aberta, talvez por essa razão além da resposta “sim” eles acrescentavam “Gostaria. Se, tivesse” ou “Acho que as aulas seriam mais interessantes”. Respostas como essas nos permitem perceber que os alunos púberes e adolescentes despontaram para uma criticidade, que segundo Oliveira (2011, p. 26), “sua função argumentativa é construída e explorada com grande satisfação pelo adolescente”, e por isso, questionam, denunciam e até mesmo discutem com seus educadores sobre o que está posto.

Buscando identificar quais fontes os alunos utilizam para pesquisar sobre os assuntos do mundo educacional obtemos os seguintes dados como meios de informação:

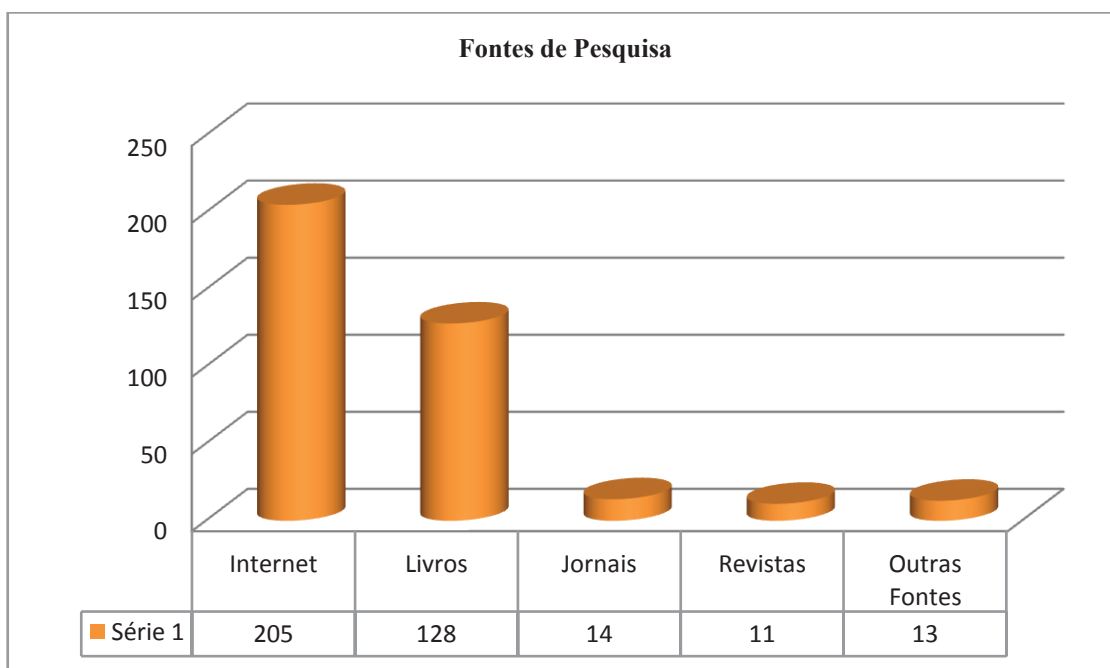


Figura 3: Representação sobre as fontes de pesquisa utilizadas pelos alunos. **Fonte:** Autor

Esses resultados nos indicam o quanto às tecnologias (sejam as antigas, como o livro didático ou as novas como as tecnologias digitais) serve como fontes de pesquisa

para os alunos, pois, embora a internet seja a número 1 em fonte de pesquisa vale ressaltar que as fontes tradicionais de pesquisa ainda são relevantes, assim como o livro didático, que aqui ocupa o segundo lugar em fonte de pesquisa pelos alunos e é uma tecnologia que se inseriu na sala de aula com dificuldades, mas que muitas vezes não é percebido como tal. Sobre isso afirma Tajra (2008):

A primeira grande conquista tecnológica foi o livro que, há anos, vem sendo o carro chefe tecnológico na educação e não constatamos que o livro é o resultado de uma técnica. Porquê? Porque já o incorporamos de tal forma que nem percebemos que é um instrumento tecnológico. Segundo Don Tapscott, tecnologia só é tecnologia quando ela nasce depois de nós. O que existia antes de nascermos faz parte de nossa vida de forma tão natural que nem percebemos que é uma “tecnologia”. (TAJRA, 2008, p. 39)

Portanto, vale ressaltar a importância que foi e é dada ao livro didático, especialmente em sua amplitude e espaços que tem ganhado nas salas de aula, porém, assim como toda tecnologia é de extrema necessidade que sejam selecionados critérios de avaliação quanto a inserção do que pode servir como propostas e recursos pedagógicos capazes de favorecer o aprendizado e a autonomia dos educandos.

Os dados da pesquisa descritos até aqui buscaram identificar que tipo de geração tecnológica existe nas salas de aulas do município de Santa Cruz do Capibaribe PE e como eles se relacionam com a escola, que não acompanha sua dinâmica nos termos das tecnologias, e com os próprios recursos tecnológicos a eles disponíveis por outras instâncias sociais sejam elas família ou amigos.

Também nos preocupamos em perceber se essas tecnologias podem servir, desde que utilizadas, como elementos motivadores para o processo de ensino-aprendizado com adolescentes. Sendo que, os dados a seguir propõem, além disso, identificar como os alunos vêm a afetividade e amizade com os professores enquanto elementos motivadores para o processo de ensino-aprendizado.

Na sétima questão, foi solicitado que os alunos dessem um valor para categorizar o que eles compreendiam como elementos motivadores para o processo de aprendizagem deles mesmos. Sob a ótica dos alunos, as respostas sobre o que serve como elemento motivador para aprender foram valorizadas por eles (de 1 a 7) da seguinte forma:

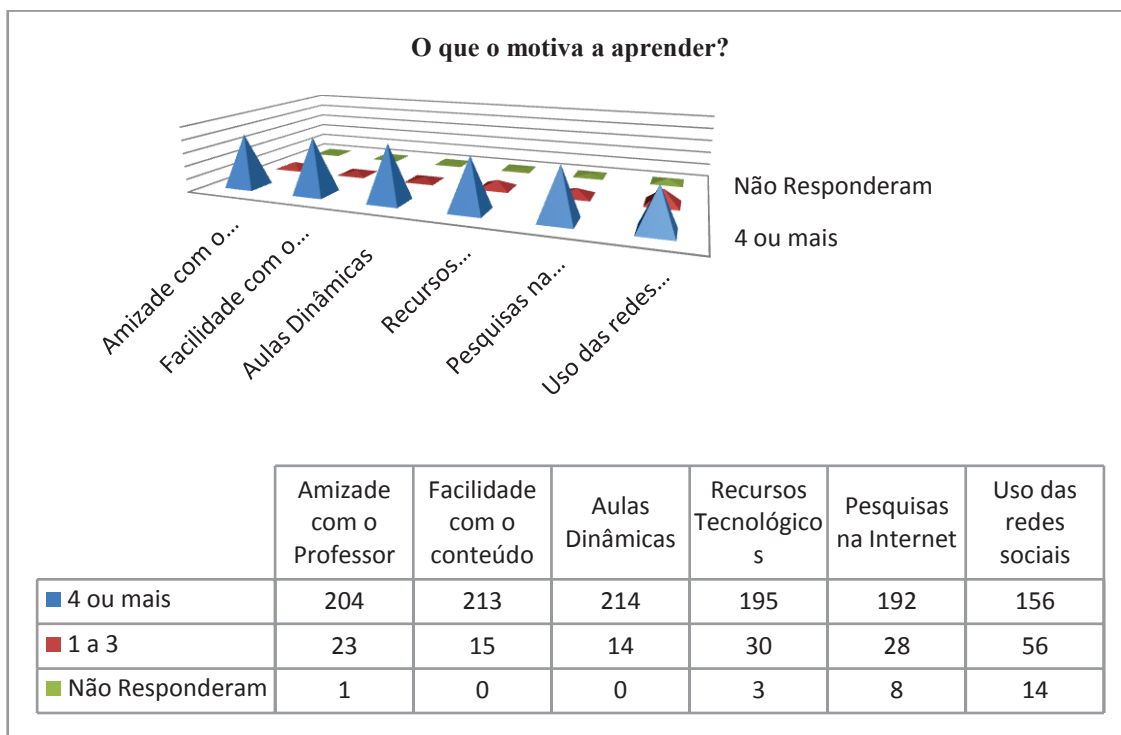


Figura 4: Representando o que motiva os alunos a aprenderem.

Fonte: Autor

Quanto à opinião dos alunos sobre a importância de manter vínculos com os professores dentro e fora da sala de aula, obtivemos os seguintes dados: 170 disseram considerar importante manter esse vínculo com os professores, 48 afirmaram que talvez fosse importante e 10 deles pontuaram que não consideram importante manter vínculos com os professores. Percebemos, portanto, um percentual ainda relativo que não considera necessário manter vínculos com os professores. As justificativas levantadas por eles foram as mais variadas possíveis, todavia destacamos algumas:

Isso pode atrapalhar a vida profissional do professor. (Aluno do 8º ano do Ens. Fund.)

...além de amizades podemos pedir conselhos. (Aluna do 8º ano do Ens. Fund.)

Acredito que exerce respeito pelo professor. (Aluno do 1º ano do Ens. Médio)

O aluno fica sem medo. (Aluno do 5º ano do Ens. Fund.)

Pois considero que quando temos uma boa relação com os professores torna o processo de aprendizado mais fácil e tranquilo. (Aluna do 2º ano do Ens. Médio)

Essas respostas nos fazem perceber o quanto o papel social do educador é importante e os mesmos devem atentar para esse fato. Reconhecendo que um adolescente necessita e até mesmo busca identidades para a formação da sua própria personalidade (Telles, 2001), não se deve abster da importância de uma atuação social

capaz de contribuir positivamente na formação desses indivíduos. Ao menos, devemos considerar a importância da identificação que esses sujeitos adolescentes buscam em seus educadores, como afirma Bossa (2011, p. 262), “na verdade, não vivem um modelo de identidade, mas de identificação”.

As propostas nove e dez do questionário estavam mais abertas para a subjetividade dos participantes da pesquisa, uma vez que eles tinham completa permissão para destacar pelo menos uma marca que qualquer professor, talvez, tivesse deixado em sua vida. É importante mencionar que 204 alunos afirmaram que se lembra de pelo menos um professor (a) que o ensinou durante qualquer fase da vida.

Gostaríamos de destacar algumas afirmações dos alunos sobre: o que marcou o ensino do professor que você não esquece:

Além de professora ela era uma amiga. (aluno do 8º ano do Ens. Fund.)

Todo mundo tinha medo dele. (aluno do 7º ano do Ens. Fund.)

Se não fosse ela eu não saberia de nada. (aluna do 8º ano do Ens. Fund.)

Ela era uma professora que viu minha dificuldade. (aluna do 2º ano do Ens. Médio)

Ela era educada e sabia nos respeitar. (Aluna do 7º ano do Ens. Fund.)

Pela forma que ele se enturmava e interagiu com a gente. (2º ano do Ens. Médio)

Pelo seu jeito de transformar assuntos chatos em aulas divertidas e pelo seu carisma e atenção. (aluna do 2º ano do Ens. Médio)

E não ficava preso ao assunto e a disciplina onde às vezes ele nos dava lições de vida, apoios, conselhos e etc. (aluna do 1º ano do Ens. Médio)

Essas e outras afirmações nos permitem refletir sobre que tipo de educadores a escola tem em seu quadro funcional? Eles compreendem seus alunos? Sabem as especificidades correspondentes à faixa etária que aglomera a adolescência? Compreendem a influência que eles têm a partir das hierarquias postas pelas escolas? Tais indagações nos levaram a questionar desses professores sobre suas opiniões quanto a essa variação de assuntos e nos permitiu elencar respostas a partir do questionário aplicado aos professores.

1.2 Resultados da pesquisa feita com os professores

Os dados quanto à *identificação* do professor pelo ensinar a alunos na fase da adolescência nos deram os seguintes resultados: todos afirmaram que gostam de ensinar aos adolescentes, mesmo justificando que os compreendem como sujeitos desafiadores, que incitam o prazer pelos “obstáculos” vencidos durante o processo de ensino-aprendizado. Afirmaram ainda que os educandos adolescentes exigem adequações na

metodologia do ensino e em especial quanto as “distrações que eles apresentam durante as aulas, sendo necessária, muitas vezes, uma disputa com os recursos tecnológicos” (PE). Tais dados sobre a “disputa com os recursos tecnológicos” revelam a necessidade que Serafim & Sousa (2001) discutem, quanto, ao olhar sobre a apropriação destes recursos pelos docentes:

Assim, torna-se cada vez mais necessário que a escola se aproprie dos recursos tecnológicos, dinamizando o processo de aprendizagem. Como a educação e a comunicação são indissociáveis, o professor pode utilizar-se de um aparato tecnológico na escola visando à transformação da informação em conhecimento. (SERAFIM & SOUSA, 2011, p. 23)

Dessa forma, percebemos que os desafios nem sempre são os recursos tecnológicos, mas em determinados casos, é o uso dessas ferramentas enquanto mediadores do aprendizado e as propostas de motivação no ambiente pedagógico.

Em continuidade à exploração do tema “desafios para o ensino na adolescência”, o resultado da pesquisa feita com os educadores destacou que os professores reconhecem que os alunos adolescentes estão em uma fase de transição, onde as mudanças físicas merecem destaque na atenção dos professores, em especial na migração da “infância para a adolescência” (PG). Embora o termo adolescência não seja o apropriado para que o educador utilizasse aqui, mas sim adulto, compreendemos que há um reconhecimento de uma fase que acarreta mudanças, ou seja, é importante que os educadores percebam isso, pois, auxilia na compreensão de quem é seu educando e como agir com ele.

Vale ressaltar a importância na transição que marca e caracteriza a adolescência na contemporaneidade e que segundo Ferreira & Farias (2010, p. 1) “A sociedade contemporânea ocidental estendeu o período da adolescência, que não é mais encarada apenas como uma preparação para a vida adulta, mas passou a adquirir sentido em si mesma, como um estágio do ciclo vital”. Perspectiva essa, que auxilia na compreensão do *ser adolescente* pelo educador.

Um destaque compreendido como desafio é apontado pelo professor PD quanto “a tolerância ao uso do celular em aulas”. A resposta desse educador ajuda-nos a perceber que há professores que ainda não conseguiram utilizar algumas das ferramentas tecnológicas como seus aliados no processo do ensino-aprendizado. Tal situação desponta para a prática de professores que foram “vencidos” por alguns desses recursos, não inserindo em sua didática ações que favoreçam a relação dos educandos e as tecnologias e que não atentam para o fato de que “é notória a presença cada vez mais

constante de novas tecnologias no cotidiano de muitos alunos. Recursos tecnológicos fazem cada vez mais parte do dia-a-dia dos educandos do que livros [...]” (SERAFIM, 2013, p. 12). Essa superação de novos recursos tecnológicos pelos livros didáticos expõe a necessidade de perceber o novo tipo de clientela que ocupa as salas de aula, uma vez que, a interação é o que determina a ação de muitos sujeitos.

Outra afirmação feita pela professora PA corresponde à questão que indaga sobre os desafios para o ensino com adolescentes e afirma: “Acompanhar o avanço tecnológico e nele encontrar apoio para a prática profissional direcionando-os aos educandos” (PA). Sobre isso encontramos a definição de que: “Um dos problemas mais debatidos quando se fala em escola e os jovens de hoje é justamente o distanciamento que há entre a cultura escolar e a cultura da juventude” (SERAFIM & SOUSA, 2011, p.23). A afirmação da professora juntamente com a citação dos autores nos leva a reflexão sobre a busca por um equilíbrio entre as culturas expostas capaz de harmonizar o ambiente pedagógico.

Todavia, algo que nos chamou bastante a atenção foi a resposta da professora PE, pois, considera como maior desafio para o ensino durante a adolescência o “controlá-los e fazer com que fiquem atentos às informações transmitidas” (PE). Essa afirmação da professora permite-nos destacar algumas ações que estão sendo superadas. Em primeiro lugar a ideia de *transmissão de informações*, colocando assim o professor enquanto o produtor dessas informações e os alunos como os receptores, ou seja, não se percebe que os sujeitos educandos não são mais aqueles que apenas recebem, mas, são aqueles que agem sobre o conhecimento, além da justificativa de *controlá-los*, não refletindo na criticidade que os educandos já são capazes de despontar, especialmente na adolescência onde não apenas recebem informações, mas constroem em grupos, na parceria professor-aluno e aluno-aluno. Serafim e Sousa (2011, p. 45 apud Silva, 2003) discorrem afirmando que “o professor que busca interatividade com seus alunos propõe o conhecimento, não os transmite”. Infelizmente ainda identificamos a escola atrasada com questões mais recentes, mas também com situações como essas que apontam uma prática bastante tradicional.

A problematização sobre a compreensão da importância de manter vínculos de amizade com os alunos teve, em sua maioria respostas afirmativas, reconhecendo que a amizade com os educandos favorece o ensino-aprendizado tanto “nas discussões sobre

diversos assuntos” (PB), quanto na “transformação dos alunos que muitas vezes não participavam da aula, ou são considerados ‘problemas’” (PG).

Embora esses educadores mantenham a convicção da positividade em manter vínculos de amizade com os alunos, todos esses percebem como necessário manter pulso firme em alguns momentos. Essa atitude nos permite relacionar com a necessidade do adolescente em que sejam estabelecidos limites em sua educação, uma vez que, esses limites podem apontar um cuidado e ainda um desejo por sua qualidade de vida, nesse caso na educação. Em geral, vai apontar a necessidade de responsabilidades que passam a ser adquiridas, “a normalidade do adolescente implica também responsabilidade” (BOSSA, 2011, p. 234).

Ainda obtivemos respostas negativas quanto aos vínculos com os alunos fora da sala de aula, assim como a resposta da professora (PA) ao afirmar que “os vínculos são restritos, apenas quando necessários, pois não considero muito bom o excesso de amizade entre ambos, apenas estabeleço uma boa relação, ouvindo-os e sendo ouvida”. A resposta dessa professora lembra as respostas de alguns alunos sobre esse mesmo tema, quando afirmaram que amizade com o professor pode atrapalhar no profissionalismo do mesmo. Ou seja, há um reflexo na ação de alguns educandos que restringem a relação professor-aluno.

Acredita-se que um dos principais motivos deste distanciamento é a falta de espaços comunicativos na escola, que certamente permitiriam uma maior participação dos discentes. Por isso, diante da complexidade juvenil, é necessário aos ambientes educacionais instaurar espaços de negociação entre educadores e educandos, possibilitando uma troca de posições e visões de mundo que permitam uma aproximação entre estas duas culturas num mundo de aprendizagem e cultura digital. (SERAFIM & SOUSA, 2011, p. 23-24)

Valendo-se, portanto, afirmar que os docentes devem reconhecer a necessidade de práticas que valorizem a participação e presença dos educandos, além de identificarem a influência da amizade e afetividade no processo ensino-aprendizado.

Sobre o que os educadores consideram mais favorável para o processo de ensino com adolescentes as respostas foram variadas:

Os usos da leitura, debates, novas tecnologias (PC)
 A facilidade de assimilação (PD)
 A energia dos educandos (PE)
 Permitem trabalhar os conteúdos de maneira mais dinâmica (PF)
 A família visitar sempre a escola (PB)

As respostas apresentam características típicas dos adolescentes, assim como, dinâmica, energia e facilidade de assimilação que se bem reconhecidas podem favorecer o ensino-aprendizado.

Quanto ao uso dos recursos tecnológicos, todos os professores afirmaram que as escolas onde trabalham possibilita o uso de recursos tecnológicos para as aulas e apontaram como principais recursos tecnológicos que utilizam: Data Show, TV, DVD, Computador e Tablets. Todavia, comparando essas respostas com as dos alunos, identificamos discrepâncias muito bruscas, uma vez que os alunos afirmaram que não assistem aulas com recursos tecnológicos e que gostariam muito que houvesse. Ou seja, é provável que as respostas dos professores estejam relacionadas a práticas isoladas e não apontem uma continuidade e por essa razão os alunos, por não verem a frequência disso acontecendo, afirmem que não há aulas com recursos tecnológicos. E ainda revela que, “O preparo dos docentes brasileiros para a utilização de mídias e objetos digitais como materiais didático-pedagógico ainda é insipiente”. (SERAFIM & SOUSA, 2011, p. 25)

Outra questão que elencamos foi quanto ao uso de softwares educacionais ou não, mas que os professores utilizavam para esse fim. Sobre isso, mais uma vez, todos afirmaram fazer uso de softwares em destaque o Power Point, Microsoft Word, PDF e a Calculadora digital, todavia, comparando com as respostas dos alunos que afirmaram não haver o exercício dessa prática em sala de aula permite a compreensão de que esses softwares são utilizados pelos professores, mas não são ensinados a usar com domínio pelos educandos. Não permite a autonomia no uso desses softwares pelos sujeitos. Tajra (2008) discutindo sobre o uso dos softwares nos ambientes educacionais afirma:

Entretanto, vale ressaltar que inúmeras escolas não têm utilizado essa modalidade de forma adequada deixando os computadores já ligados e com os programas acessados, para que o aluno, ao chegar ao ambiente de informática, de forma mecânica, utilize as opções do programa. Desta forma, o aluno, não efetua nenhuma prática de ligar o computador, abrir os programas, portanto não percebe o conjunto das relações existentes entre as utilidades reais do computador e a técnica em si. O professor deve ficar atento para uma real adequação de softwares às suas ações na sala de aula. Muitos acham que só por estarem utilizando softwares educacionais já estão efetuando a prática da informática na educação. (TAJRA, 2008, p. 49)

Ao analisarmos esses dados lembramos que em entrevistas particulares indagamos aos educandos se os mesmos receberam do governo os tablets destinados a alunos no estado de Pernambuco e em duas escolas, E3 e E4, os alunos receberam estes

equipamentos, ao que instigamos: e vocês os utilizam em sala para as aulas? Responderam: “não, os professores nunca solicitam” o que evidencia uma enorme necessidade de transformação na concepção da educação com uso de tecnologias.

Sendo assim, é importante que os educadores apropriem-se dos recursos disponíveis, que: se aliem aos novos saberes de formação como requisito de uma sociedade tecnológica, sujeitem-se a tornar-se mediador dos conhecimentos não apenas os destinados à educação propriamente dita, mas em especial, a tudo o que venha contribuir para uma formação integral dos sujeitos em sala de aula, focando sempre o educando.

Não oferecer acesso a essa nova tecnologia é omitir o contexto histórico, sociocultural e econômico vivenciado pelos educadores e educandos. É imprescindível que os educadores possam visualizar quais são as reais tendências para as economias do futuro e estejam aptos para participarem de um processo de ensino-aprendizagem que de fato prepara cidadãos conscientes de seus direitos e deveres numa sociedade globalizada. (TAJRA, 2008, p. 13)

Sendo esse o reconhecimento do professor PD ao acrescentar que os educandos adolescentes “são participantes de uma nova geração tecnológica” (PD). Ao que devemos ressaltar a necessidade do que Pretto (2010, p.23) destaca sobre o assunto ao propor que “assim estaremos, quiçá, transformando escolas, professores e alunos em animados produtores de conhecimentos e culturas e não em meros consumidores de informações”.

Tal conhecimento deveria ser comum entre os educadores, pois a geração de educandos que está nas escolas não age mais da mesma forma que antes, querem realmente interagir e conectar-se como mundo ao seu redor. E, tendo em vista as várias distrações no mundo tecnológico, é importante que o educador aproprie-se com maior intensidade dos recursos disponíveis e suas projeções para um ensino eficaz.

Os jovens usam tecnologias, simplesmente usam. A tecnologia auxilia, media, faz parte do acervo que nos capacita a obter informações com facilidade. A sociedade está mudando seu modo de pensamento (comunicação, interpretação e negociação). Não dá para conviver com uma adolescência antenada e interativa por nossos velhos parâmetros. É preciso novas estratégias para lidar com nosso futuro que já é digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão por conceituar e caracterizar a educação e os sujeitos educacionais é algo de amplitude extrema e que consideramos inacabável, assim como o fazer-se educando e educador. Todavia, consideramos válida uma pesquisa que objetive refletir sobre seu lócus de ação e suas práticas com o intuito de atuar com consciência pedagógica.

Os estudos que visam identificar as problemáticas envolvendo a adolescência e os processos educacionais para essa fase da vida estão cada vez mais acessíveis aos educadores, basta o interesse por buscar informações válidas e capazes de dinamizar o ensino. Para isso, se propõe que o professor seja pesquisador e esteja atento às necessidades de sua clientela.

Questões como autonomia e emancipação dos sujeitos, ao que parece, devem fazer parte da relação do professor para com o aluno. Todavia, discursar sobre essa temática é relativamente fácil, mas, o que de fato se exige do professor é a coragem e a disposição de transitar pelas capacidades cognitivas dos alunos, numa perspectiva de construção do conhecimento.

É verdadeira a ideia propagada pelo senso comum no que se refere à questão de que a educação não é exclusiva ao âmbito escolar, mas vários atores sociais contribuem para a educação das gerações mais novas. Sobre isso Malheiros (2001 p.45) afirma: “o ensino é uma prática moral e ética”.

Compreendendo que ensinar envolve ação e contexto, defendemos que a autonomia proposta ao educando não é de exclusividade ao professor, mas deve ser uma colaboração entre pais, educadores e tantos outros que interferem nas relações do cotidiano dos adolescentes.

Os dados obtidos com a pesquisa, que aqui discutimos, mostram que a escola tem encarado o fato do educando adolescente estar em uma fase temporária e que pode alterar significativamente seus comportamentos sociais. Mesmo com algumas dificuldades e/ou conflitos nas relações dos sujeitos em sala de aula. Identificamos que em sua maioria essas relações são significativas e porque não dizer proveitosas.

Percebemos que o docente encara as transformações dessas novas gerações, que não se conforma mais em apenas assimilar conhecimentos, mas quer interagir e participar, não de forma passiva, mas ativa em cada construção de suas relações, embora ainda, os docentes se mostrem em dilemas do como agir com esses adolescentes.

Reconhecemos que autores do campo educacional tal qual: ORTIZ, ALVAREZ, VINO CUR (2011) dentre outros, já se debruçam sobre a temática do ensino na adolescência, mesmo assim, percebe-se que é um campo que precisa ser mais explorado pelos educadores do país, uma vez que, grande parcela de contribuições sobre a educação na adolescência no Brasil tem repousado sobre autores das áreas de Medicina, com especialização em Pediatria, Psiquiatria, Psicologia e Psicanálise, assim como: SAITO, SILVA, AMADO, INFANTE, GUIMARÃES, LEITE e ADAMO (2001), OLIVEIRA (2011) e ainda outros. Porém, os pedagogos não estão aquém das necessidades do grande número de pré e adolescentes dentro dos âmbitos educacionais, que confrontam muitas vezes a formação que os mesmos tiveram e seu empenho em ensinar nessa fase da vida.

Portanto, é evidente que os profissionais da educação devem empenhar-se em ampliar seu universo de pesquisa e conhecimento sobre o desenvolvimento humano, valorizando a adolescência como importante fase para os sujeitos. E ainda as projeções de vida que nascem nessa fase transitória da vida, exigindo assim um olhar criterioso sobre o educar com equidade, respeito e valorização dos indivíduos inseridos nas salas de aula.

Identificamos que os recursos tecnológicos educacionais podem contribuir com as aprendizagens e as mudanças sociais que exigem do educador e do educando novas posturas. Destacando o aperfeiçoamento das práticas educacionais num nível profissionalizante para um agir mais significativo e contextualizado com essa demanda social que se apresenta.

Assim como a percepção de que os educandos fazem parte de uma nova geração onde o tecnológico quase que impera em suas relações. Estes nascidos em uma era digital, ou seja, os chamados nativos digitais conseqüentemente apresentam um bom nível de letramento digital, que por vezes deixa para trás não somente os educadores, mas especialmente processos e políticas educacionais.

Ao que cabe a análise por parte dos educadores sobre autores como: TAJRA (2008), PRETTO (2010), SERAFIM (2013) e ainda outros, que fomentam, com qualidade, a atuação dos docentes com manejo das tecnologias e a coerência da relação educacional entre as instâncias e modalidades de educação no sentido mais amplo das vivências nas escolas.

Consideramos de extrema importância o interesse por compreender quem são os sujeitos educandos adolescentes e quais suas motivações durante o processo de ensino aprendizagem, o que não é tarefa simples, mas que exige profundas reflexões e ensejo por adquirir propostas para a ação pedagógica. Sugerimos, assim, a continuidade dessa pesquisa com o intuito de ampliar a atuação educacional nessa área.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar**. Ed. Nova Fronteira, 2000, p. 18.

FERREIRA, Teresa Helena Schoen & Maria Aznar Farias. **Adolescência através dos Séculos**. In. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília. Abr - Jun 2010, Vol. 26 n. 2, pp. 227-234.

MALHEIROS, Bruno Taranto. A pesquisa Científica em Educação. IN **Metodologia da pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro LTC, 2011.

MENEZES, Natércia do Céu Andrade Pesqueira. **Motivação de alunos com e sem utilização das TIC em sala de aula**. Universidade Portucalence. Infante D. Henrique. Departamento de Inovação, Ciência e Tecnologia. Fevereiro de 2007.

OLIVEIRA, Vera Barros. & Nádia Aparecida Bossa (organizadoras). **Avaliação Psicopedagógica do Adolescente**. 13. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PRETTO, Nelson. **Professor em Rede**. Revista TV Escola | maio/junho 2010.

RAASCH, Leida. **A Motivação Do Aluno Para A Aprendizagem**. Faculdade Capixaba de Nova Venécia. Credenciado pela portaria Nº 1.299 de 26 de Agosto de 1999, publicada no Diário Oficial da União.

RAMOS, Marli. & Neusa Ciriaco Coppola. **O Uso Do Computador E Da Internet Como Ferramentas Pedagógicas**. 2008-2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2551-8.pdf>. Acesso: 14 de Novembro de 2014

SAITO, Maria Ignez. **Adolescência: prevenção e risco**./coordenadores: Maria Ignez Saito, Luiz Eduardo Vargas da Silva. São Paulo. Editora: Atheneu, 2001.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SERAFIM, Maria Lúcia. **Tecnologias em seus múltiplos cenários**. Maria Lúcia Serafim, Marta Lúcia de Souza Celino, Patrícia Cristina de da Aragão Araújo, Roseane Albuquerque Ribeiro, Rosemary Alves de Melo (Organizadoras). Ed. Universitária da UFPB. João Pessoa PB, 2013.

SILVA, Arilda Guedes dos Santos. **Adolescência no contexto da cidadania**. Disponível em: Disponível em: http://www.ela.uevora.pt/download/ELA_desenvolvimento_03.pdf Acesso: 14 de Novembro de 2014

SOUSA, Robson Pequeno. **Tecnologias Digitais na Educação**. Robson Pequeno de Sousa, Filomena M. C. da S. C. Moita, Ana Beatriz Gomes Carvalho (Organizadores). EDUEPB Campina Grande PB, 2011.

TELLES, Maria Luiza Silveira. **Psicodinâmica do Desenvolvimento Humano**. In_ Uma Introdução à Psicologia da Educação. Ed. Vozes, 2001, p. 120-140.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na Educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor na atualidade.** 8ª ed.rev. e ampl. São Paulo: Érica 2008.

WHITE, Ellen Goden. **Mensagem aos jovens.** Trad. Isolina A. Waldvogel e Luiz Waldvogel. Ed. Casa, 2004.

<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=261250&search=|santa-cruz-do-capibaribe>

APÊNDICES

Apêndice - A

Universidade Estadual da Paraíba

Centro de Educação CEDUC

Departamento de Educação

Curso de Pedagogia

Graduanda: Monique Pereira Gomes

Orientadora: Livânia Beltrão Tavares

Pesquisa para análise de dados e produção científica

Escola: _____

Idade: _____

Ano de Ensino: _____

1- Você usa o computador com frequência?

Sim Não Algumas vezes

2- Quantas vezes por semana?

3- Tem acesso a Internet?

Sim Não Algumas vezes

4- Na sua escola há aulas com uso de computadores e acesso a internet?

5- Você gosta de assistir aulas utilizando o computador como ferramenta?

6- Quando você precisa pesquisar sobre assuntos das disciplinas estudadas na escola quais fontes de pesquisa você utiliza?

Livros Jornais Revistas

Internet outras fontes _____

7- O que você considera mais importante para motivá-lo a aprender?

Marque de 1 à 7 considerando o grau de importância que você dá a esses elementos

(1) (2) (3) (4) (5) (6) (7) Amizade com o Professor;

(1) (2) (3) (4) (5) (6) (7) Facilidade do conteúdo (Disciplina);

(1) (2) (3) (4) (5) (6) (7) Aulas dinâmicas;

(1) (2) (3) (4) (5) (6) (7) Aulas com recursos tecnológicos (Tablets, Computadores, Datashow, Celulares);

(1) (2) (3) (4) (5) (6) (7) Pesquisas na Internet;

(1) (2) (3) (4) (5) (6) (7) Uso de Redes sociais para discutir sobre os assuntos estudados em sala de aula;

(1) (2) (3) (4) (5) (6) (7) Outro: _____

8- Você considera importante manter vínculos com os (as) professores (as) dentro e fora de sala de aula?

Sim Não Talvez

Justifique: _____

9- Você lembra-se de pelo menos um (a) professor (a) que o (a) ensinou em alguma fase da vida? Se sim, lembra qual era a disciplina que ele ensinava?

10- Por que você acha que esse professor (a) marcou sua vida?

Apêndice - B

Universidade Estadual da Paraíba

Centro de Educação CEDUC

Departamento de Educação

Curso de Pedagogia

Graduanda: Monique Pereira Gomes

Orientadora: Livânia Beltrão Tavares

Pesquisa para análise de dados e produção científica

Formação: _____

Tempo de experiência na área de educação: _____

Vínculo institucional: _____

Tipo de Instituição que trabalha: _____

- 1- Você gosta de ensinar a educandos na faixa etária correspondente ao período da adolescência? Justifique?

- 2- O que você considera como principais desafios para o ensino durante essa fase do desenvolvimento humano (Adolescência)?

- 3- Você costuma manter vínculos de amizade e interação com os alunos dentro dos espaços escolares? Percebe como importante essas interações para o processo de ensino-aprendizado?

- 4- O que você considera mais favorável para o ensino com adolescentes?

5- Em suas aulas você costuma apresentar novos conteúdos a partir do uso de recursos tecnológicos? Se sim, descreva quais?

6- Você acredita que os recursos tecnológicos podem servir de elementos motivadores para o processo de ensino-aprendizado?

5.1 Acredita que eles por si mesmos podem transformar a educação e a forma de ensinar?

7- A escola que você trabalha possibilita a inovação do ensino com recursos tecnológicos?

Sim Não

Há flexibilidade por parte de gestores e coordenadores para o uso desses recursos?

Tem Laboratório de Informática?

8- Você costuma utilizar em sua didática softwares (educacionais ou não, porém que você utiliza para esse fim)?

Sim Não

Se sim aponte alguns

Power Point Prezzi Calculadora Digital

Microsoft Word Windows Movie Make PDF

Outros _____

9- Como você percebe as transformações dessas novas gerações, que não se conforma mais em apenas assimilar conhecimentos, mas quer interagir e participar, não de forma passiva, mas ativa em cada construção de suas relações?